

As relações textuais como recursos para a
episteme-em-ação: estudo da dimensão epistêmica
de uma entrevista com presidenciável

*Textual relations as resources for
the episteme-in-action: study of the epistemic dimension
of an interview with a presidential candidate*

Gustavo Ximenes Cunha*

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: Neste trabalho, trazemos evidências de que as relações textuais (argumento, contra-argumento, preparação, reformulação, etc.) exercem papel importante na dimensão epistêmica da interação. Para isso, aproximamos as contribuições teórico-metodológicas de duas abordagens interacionistas: os estudos sobre a dimensão epistêmica desenvolvidos no quadro da Análise da Conversa, e os estudos sobre as relações textuais e seus marcadores desenvolvidos no âmbito da Pragmática do discurso. O corpus estudado foi a entrevista concedida em 2022 pelo então candidato à presidência da república, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Nacional, da Rede Globo, no contexto da campanha eleitoral. Dada a abrangência do tema, focalizamos o papel das relações textuais de preparação e contra-argumento presentes nos turnos em que os entrevistadores fazem perguntas. Nesses turnos, essas relações textuais são recursos com que os entrevistadores hierarquizam informações, bem como as posturas epistêmicas (K+, K-) materializadas no modo como essas informações são expressas. Em razão desses procedimentos, a estruturação do turno de pergunta pode impactar o desenvolvimento da sequência pelo entrevistado, que pode aceitar ou contestar a hierarquia proposta, bem como a assunção, pelo entrevistador, de posturas epistêmicas.

Palavras-chave: Relações textuais. Dimensão epistêmica. Entrevista com presidenciável.

Abstract: In this paper, we analyze the role of textual relations (argument, counter-argument, preparation, reformulation, etc.) in the epistemic dimension of interaction. For this, we articulate the theoretical-methodological contributions of two interactionist approaches: the studies on the epistemic dimension developed in Conversation Analysis, and the studies on textual relations and their markers developed in the scope of Pragmatics of discourse. The corpus studied was the interview given in 2022 by the then presidential candidate, Luiz Inácio Lula da Silva, to the *Jornal Nacional*, a news program on Rede Globo, in the context of the electoral campaign. Due to the breadth of the theme, we focused on the role of the textual relations of preparation and counter-argument present in the turns in which the interviewers ask questions. In these turns, these textual relations are procedures with which the interviewers hierarchize information, as well as the epistemic stances (K+, K-) materialized in the way this information is expressed.

* Professor da Faculdade de Letras da UFMG, professor-residente do IEAT/UFMG (Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares), líder do GEPTED/UFMG (Grupo de Estudos sobre Pragmática, Texto e Discurso), bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq, Belo Horizonte, MG, Brasil; ximenescunha@yahoo.com.br

Because of these procedures, the structure of the question turn can impact the development of the sequence by the interviewee, who can accept or contest the proposed hierarchy, as well as the assumption, by the interviewer, of epistemic stances.

Keywords: Textual relations. Epistemic dimension. Interview with presidential.

1 INTRODUÇÃO¹

Nas últimas décadas, a pesquisa sobre a dimensão epistêmica da interação, sobretudo a conduzida por Heritage e colaboradores (Heritage; Raymond, 2005; Raymond; Heritage, 2006; Heritage, 2012a, 2012b, 2013, 2018; Drew, 2018; Raymond, 2018), no âmbito da Análise da Conversa Etnometodológica, tem focalizado não só o modo como os interactantes expressam informações sobre estados de coisas, mas também e em especial o modo como endossam, ao longo da interação, posições epistêmicas relativas. Nessa pesquisa, focalizam-se os procedimentos empregados pelos interactantes na atribuição de conhecimentos (informações, opiniões, crenças, saberes), o que implica o estudo do modo como esses conhecimentos são assertados, reivindicados, contestados, solicitados, ratificados, etc.

Entendendo que as formas linguísticas não são os únicos elementos que os interactantes consideram na elaboração e no reconhecimento de ações sociais (como perguntar, assertar, concordar, discordar, avaliar, etc.), Heritage lança mão de noções de ordem pragmática para compreender o trabalho interacional envolvido nessas ações. Por exemplo, em seus estudos sobre a ação de pedir informações, evidencia o autor que, “assim como pedidos de informação não requerem a morfossintaxe interrogativa, também a morfossintaxe interrogativa não garante que um pedido de informação está sendo realizado” (Heritage, 2012a, p. 3). Na interação, o acesso primário que os participantes reconhecem que um deles tem às informações abordadas é um fator que tem precedência sobre a morfossintaxe na determinação da ação (dar ou pedir informação) realizada por meio de um turno de fala (Heritage; Raymond, 2005; Raymond; Heritage, 2006; Heritage, 2012a).

Uma das bases para a percepção dessa precedência é a classificação de enunciados, proposta por Labov e Fanshel (1977, p. 100), segundo o grau de compartilhamento entre os interactantes dos eventos expressos nesses enunciados. Nessa classificação, os eventos podem ser:

- A-eventos: Conhecidos de A, mas não de B.
- B-eventos: Conhecidos de B, mas não de A.
- AB-eventos: Conhecidos de A e B.
- O-eventos: Conhecidos de todos os presentes.
- D-eventos: Conhecimento a ser contestado.

Essa classificação, proposta com o fim de entender por que, no contexto de entrevistas terapêuticas, enunciados declarativos podem ser entendidos como pedidos de informação (B-eventos) (Labov; Fanshel, 1977), reconhece que, na interação, os conhecimentos são desigualmente distribuídos entre os participantes e podem ser

¹ Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada como comunicação oral no IV Encontro de Análise da Conversa Etnometodológica (IV EnACE). A comunicação se intitulou “As relações de discurso e seu papel na dimensão epistêmica da interação”.

objeto de disputa. A percepção pelos próprios participantes de que eles se caracterizam por domínios de conhecimentos (ou territórios de informação (Kamio, 1997)) apenas parcialmente partilhados os auxilia na realização e identificação de ações, como a de pedir informação, independentemente da forma declarativa ou interrogativa do enunciado. Como aponta Heritage (2013), a classificação de Labov e Fanshel (1977) encontra ressonância na proposta de Pomerantz (1980), segundo a qual os conhecimentos expressos na interação podem ser de tipo 1 – aqueles que os falantes têm direito e obrigação de saber e aos quais têm ou tiveram acesso direto – e de tipo 2 – aqueles a que os falantes têm acesso de forma derivada, por “ouvir dizer”².

Reunindo essas e outras contribuições teóricas e analíticas, Heritage (2012a, 2012b, 2013, 2018; Heritage; Raymond, 2005; Raymond; Heritage, 2006) propõe um conjunto de conceitos para estudar a “episteme-em-ação”, ou seja, o modo como os interactantes assumem, por meio do trabalho interacional, posições epistêmicas relativas. Desses conceitos os de status epistêmico e de postura (*stance*) epistêmica têm maior centralidade na proposta. O status epistêmico corresponde ao acesso mais ou menos direto dos participantes a domínios de conhecimento, bem como a seus direitos e responsabilidades sobre esses domínios. Por exemplo, conhecimentos do falante sobre suas experiências pessoais, sua profissão, suas relações familiares costumam ser tratados na interação como pertencentes a seu território epistêmico (Raymond; Heritage, 2006; Heritage, 2013). Nesse sentido, esses são conhecimentos sobre os quais, em relação ao interlocutor, o falante possui autoridade epistêmica (Heritage; Raymond, 2005; Raymond; Heritage, 2006).

A postura epistêmica, por sua vez, diz respeito ao modo como, ao longo da interação, os interactantes efetivamente expressam por meio das linguagens verbal e não-verbal seu status epistêmico. Se, de modo geral, os falantes mantêm a consistência entre a postura expressa no turno e seu status em relação ao tópico, como quando fazem afirmações sobre o que se espera que saibam, exigências interacionais diversas podem motivar uma discrepância entre essas noções, como quando os falantes se apresentam como mais ou menos conhecedores do que são (Heritage, 2013). Assim, na perspectiva de Heritage, a noção de conhecimento, representada pela letra K (*knowledge*), constitui uma noção dinâmica que pode ser objeto de disputa pelos interlocutores. Por isso, ao longo da interação os interlocutores podem endossar posturas de K+ ou K- (Heritage, 2012a, 2012b, 2013, 2018).

Neste estudo, trazemos evidências do papel das relações textuais, como estudadas na perspectiva da Pragmática do discurso (ou Pragmática conversacional) (Roulet, 1999, 2006; Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001), na dimensão epistêmica da interação. Ainda que Heritage e colaboradores estudem interações que se caracterizam por turnos formados por múltiplas unidades de construção, unidades entre as quais o falante estabelece relações textuais, esse é um nível de análise linguístico que não recebeu uma atenção sistemática na pesquisa sobre dimensão epistêmica, que focaliza sobretudo o nível morfossintático, bem como aspectos multimodais, como a prosódia (Heritage; Raymond, 2005; Raymond; Heritage, 2006; Heritage, 2012a, 2012b, 2013, 2018). Entendemos, contudo, que as relações textuais podem desempenhar papel de

² Essa distinção, lembra Heritage (2013), encontra apoio em mecanismos linguísticos, como modalizadores epistêmicos e evidenciais, por meio dos quais os falantes expressam distintos graus tanto de acesso à informação, como de certeza quanto à veracidade dessa informação (Fox, 2001; Neves, 2006; Drew, 2018).

destaque na dimensão epistêmica de interações que, a exemplo da que será analisada neste estudo (entrevista com presidenciável), se definem pela regulação prévia da alocação de turnos de fala e, conseqüentemente, pela maior extensão dos turnos, diferentemente do que ocorre na conversa espontânea (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974).

Dada a abrangência do tema, vamos explorar neste trabalho apenas o papel das relações textuais na estruturação dos turnos em que os entrevistadores perguntam e o impacto desses turnos sobre as respostas do entrevistado. Nosso objetivo é verificar se as relações textuais estabelecidas pelos entrevistadores constituem procedimentos de que se valem para assumir posições epistêmicas relativas. Este estudo se inicia com considerações de natureza teórico-metodológica sobre o corpus selecionado (a entrevista concedida pelo então candidato à presidência da república, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Nacional, da Rede Globo, durante a campanha presidencial de 2022), bem como sobre a Pragmática do discurso e a pertinência de seu uso em estudo sobre o papel das relações textuais na dimensão epistêmica da interação. Em seguida, estudaremos esse papel das relações textuais na dimensão epistêmica da entrevista selecionada.

2 SELEÇÃO DO CORPUS E DECISÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

FLP 25(1)

Neste trabalho, investigamos o papel das relações textuais na dimensão epistêmica de corpus formado por uma entrevista com presidenciável. Essa entrevista, ocorrida em 25/08/2022, foi concedida pelo então candidato à presidência da república, Luiz Inácio Lula da Silva, no contexto da série de entrevistas realizadas ao vivo pelo jornal Nacional, da Rede Globo, com os candidatos à presidência mais bem colocados nas intenções de voto³. Em todas as entrevistas, os entrevistadores foram os jornalistas William Bonner e Renata Vasconcellos. A escolha desse corpus se justifica não só por sua importância no contexto da campanha – essa entrevista, concedida pelo candidato vitorioso nos dois turnos da eleição, teve índice expressivo de audiência⁴ –, mas também pelo subgênero de interação a que pertence, a entrevista com presidenciável.

A entrevista midiática, enquanto um gênero de interação com características bem estabelecidas (cf. Heritage; Greatbatch, 1989; Heritage, 1985, 2002, 2010; Clayman; Heritage, 2002; Brito, 2023), define-se, em especial, pela assimetria epistêmica entre os participantes (entrevistador, entrevistado e público – audiência ou leitorado). Assim, toda a interação corresponde a um processo em que um dos participantes (entrevistador) endossa a postura K-, ao pedir informação para outro participante (o entrevistado), que possui o status K+ (afinal, a entrevista explora seu

³ Os demais entrevistados foram Simone Tebet (MDB), Ciro Gomes (PDT) e Jair Bolsonaro (PL). Candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT), Lula havia exercido o cargo de presidente da república por dois mandatos (1º de jan. de 2003- 1º de jan. de 2011).

⁴ Durante a entrevista de Lula, os números de audiência para a Grande São Paulo (considerado o maior mercado de televisão do país) foram estes: “A entrevista do ‘Jornal Nacional’ (TV Globo) com o candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva (PT), na noite de ontem (25) hoje, rendeu 31,9 pontos de audiência na Grande São Paulo, termômetro do mercado e do Ibope”. [...] “Ontem (25), no horário, o SBT ficou em segundo (6,7 pontos), seguido de RecordTV (6,6), Band (2,7) e RedeTV (0,2)”. (<https://www.uol.com.br/splash/noticias/oops/2022/08/25/com-sabatina-a-lula-jn-da--ibope-que-com-bolsonaro.htm>).

território epistêmico) e que, de modo geral, endossa, na maior parte da entrevista, a postura K+. Assim, na entrevista, espera-se uma consistência entre o status epistêmico e a postura epistêmica do entrevistado. Nesse gênero, o principal procedimento usado pelos participantes para a assunção dessas posturas é o desenvolvimento da sequência por meio de pares adjacentes de pergunta e resposta (Heritage; Greatbatch, 1989; Brito, 2023).

Porém, e esse é o interesse central do gênero para a pesquisa sobre dimensão epistêmica, a construção de uma ação social, como uma entrevista, é um fenômeno, em grande medida, instável, emergente e local e, por isso mesmo, sensível às ações e decisões tomadas no decorrer da interação (Heritage, 1985, 2002, 2010; Heritage; Greatbatch, 1989; Clayman; Heritage, 2002). Desse modo, tanto o entrevistador quanto o entrevistado podem se valer de procedimentos para promover discrepâncias entre status e postura, como quando o entrevistador, atendendo à exigência de neutralidade própria da esfera jornalística (Heritage; Greatbatch, 1989; Clayman, 1992; Heritage, 2002; Cunha, 2013), faz uma crítica ao entrevistado (status K+) por meio de um enunciado interrogativo (postura K-).

Exemplo bastante significativo dessa discrepância ocorre no corpus desta pesquisa, quando, em sequência sobre a escolha do Procurador-Geral da República pelo futuro presidente, a entrevistadora pergunta: “um assunto tão importante/ o senhor vai manter suspense sobre uma questão tão fundamental/ e é de fato as críticas à falta de independência do ministério público da procuradoria-geral da república é motivo de preocupação pros brasileiros\ por que manter o suspense?”. Revelando sua compreensão de que no turno a entrevistadora não realiza a ação de pedir informações, mas a de criticar ou acusar, o entrevistado inicia sua reação dizendo: “*em minha defesa eu tenho três indicações\ [...]*” (destaque nosso) (12min.-3seg. – 12min.18seg.).

Essas discrepâncias entre status e postura, a depender da reação do entrevistado, podem dar origem a disputas pela autoridade epistêmica relativa a determinado tópico, bem como a reavaliações dos territórios epistêmicos dos interactantes e, consequentemente, de seus status epistêmicos (Heritage; Greatbatch, 1989; Clayman; Heritage, 2002).

No subgênero entrevista com presidenciável, também chamado de sabatina (termo que remete a um contexto didático prenhe de significados sobre autoridade e territórios epistêmicos)⁵, o endosso de posições epistêmicas relativas constitui uma questão central, à qual entrevistador e entrevistado permanecem atentos no decorrer da interação. Assim, são de interesse estudos que, a exemplo deste, investiguem quais procedimentos – verbais e não-verbais – são usados pelos participantes de uma entrevista com presidenciável para endossar posições epistêmicas relativas, assumindo e contestando diferentes graus de autoridade epistêmica sobre assuntos de interesse do espectador (eleitor).

Como exposto, este trabalho focaliza as relações textuais e seus marcadores como um subconjunto desses procedimentos. Para isso, recorreremos a contribuições da Pragmática do discurso (ou Pragmática conversacional) (Roulet, 1999, 2002, 2006;

⁵ Na véspera da entrevista selecionada e no dia seguinte ao de sua realização, várias matérias denominavam a entrevista como “sabatina”. Exemplo: “Lula fala por 30 minutos durante **sabatina** no Jornal Nacional; Bolsonaro teve 24 minutos” (<https://www.gazetadopovo.com.br/eleicoes/breves/lula-fala-por-30-minutos-durante-sabatina-no-jornal-nacional-bolsonaro-teve-24-minutos/>).

Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001) referentes ao estudo das relações textuais e seus marcadores. Em que pesem diferenças teórico-metodológicas importantes entre essa abordagem e a Análise da Conversa, diferenças devidas, em especial, aos campos disciplinares em que surgiram (Linguística e Sociologia, respectivamente) (cf. Moeschler, 1994), entendemos que uma tal aproximação é possível, em razão de pressupostos comuns⁶. Assim como a Análise da Conversa (Heritage, 1984; Schegloff, 2007), a Pragmática do discurso (Roulet, 1999; Roulet; Filliettaz; Grobet, 2001; Cunha, 2022):

- estuda interações autênticas, ou seja, não fabricadas para fins de análise, o que implica o trabalho com registros áudio-visuais e transcrições que registram as ações verbais e não-verbais;
- interessa-se não só pelos aspectos esquemáticos da interação, mas também por seus processos emergentes e locais de desenvolvimento;
- compreende a língua não como um arsenal pré-definido e estável de instrumentos de representação do mundo e construção de sentenças, mas como um conjunto de recursos maleáveis de que os interactantes se valem para agir e construir conjuntamente o contexto;
- privilegia o ponto de vista dos interactantes (e não o do analista) na avaliação de suas contribuições recíprocas e das intervenções sucessivamente produzidas na interação.

Na Pragmática do discurso, esse conjunto de pressupostos subjaz ao estudo das relações textuais e de seus marcadores. Por isso, esse estudo se guia por diretrizes essencialmente interacionistas (Roulet, 2002; Cunha, 2021, 2022):

- as categorias de relações textuais propostas nessa abordagem (argumento, contra-argumento, comentário, reformulação, topicalização, sucessão, preparação, clarificação) são concebidas como “traços cognitivos de base de natureza interacionista”, tais como preparar, narrar, apoiar/sustentar, completar e reformular/revisar (Roulet, 2002, p. 149); são, portanto, procedimentos que os interactantes realizam durante a interação e não simples mecanismos de construção da coerência;
- as relações textuais são parte da dinâmica interacional, impactando, assim, o desenvolvimento da troca ou a elaboração da intervenção seguinte;
- os efeitos de hierarquização motivados pelo estabelecimento de relações textuais constituem o resultado de um “trabalho de estruturação” (Filliettaz, 2020, p. 78) realizado pelos interactantes e não uma propriedade de um produto, o texto;
- as marcas das relações textuais (conectores e estruturas sintáticas) são procedimentos com que os interactantes explicitam e especificam o processo de negociação ou esse “trabalho de estruturação” e não simples mecanismos de coesão.

Aproximando os estudos sobre a dimensão epistêmica desenvolvidos no quadro da Análise da Conversa e os estudos sobre as relações textuais e seus marcadores desenvolvidos no âmbito da Pragmática do discurso, a fim de

⁶ Nas últimas décadas, diferentes aproximações entre a Análise da Conversa (AC) e abordagens linguísticas vêm sendo propostas, das quais as mais frutíferas, a nosso ver, são aquelas entre a AC e abordagens funcionalistas (cf. Ochs; Schegloff; Thompson, 1996; Fox et al., 2013) e, no contexto brasileiro, entre a AC e a Linguística Textual (cf. Marcuschi, 1997; Jubran; Koch, 2006).

compreender o papel das relações textuais na dimensão epistêmica da entrevista selecionada, esta pesquisa se realizou em basicamente três etapas:

- coleta da entrevista e revisão da transcrição disponibilizada no site de notícias UOL, revisão feita com base na audição e visualização da entrevista completa disponibilizada no site de notícias G1⁷;
- identificação das relações textuais estabelecidas pelos entrevistadores nos turnos em que fazem perguntas, identificação feita com base na lista de categorias de relações propostas pela Pragmática do discurso e anteriormente mencionadas;
- estudo dessas relações textuais na assunção de posições epistêmicas relativas, ao longo da entrevista, mas em especial nos pares adjacentes formados por pergunta e resposta.

No próximo item, analisaremos o papel das relações textuais na estruturação dos turnos em que os entrevistadores perguntam e o impacto desses turnos sobre os turnos de resposta do entrevistado. Nosso objetivo, como informado na introdução, é verificar se as relações textuais estabelecidas pelos entrevistadores constituem procedimentos de que se valem para assumir posições epistêmicas relativas⁸.

3 RELAÇÕES TEXTUAIS E DIMENSÃO EPISTÊMICA DA INTERAÇÃO

FLP 25(1)

Um procedimento regularmente realizado por jornalistas em entrevistas com figuras políticas é o de justificar ou preparar a pergunta com asserções que, em relação à pergunta, atuam como pressupostos (Clayman; Heritage, 2002, 2009, 2022; Clayman et al., 2012; Clayman; Loeb, 2018; Cunha, 2023). Com essas asserções, o jornalista, mais do que expressar o tópico da pergunta, evidencia que esse tópico e informações a ele relacionadas pertencem a seu território epistêmico. Nessas asserções, o jornalista endossa, assim, a postura K+.

Contudo, em razão do desequilíbrio epistêmico que tipicamente caracteriza os status dos participantes de uma entrevista, cuja finalidade central é explorar o território epistêmico do entrevistado (Heritage, 1985; Heritage; Greatbatch, 1989; Brito, 2023), este não costuma tomar o turno, até que uma pergunta seja feita (Heritage; Greatbatch, 1989), ou seja, até que o entrevistado endosse a postura K-, congruente com seu status K- na interação. Essa espera do entrevistado pela pergunta revela que ele entende (e analisa) as asserções do entrevistador como uma preparação para a pergunta. Nesse sentido, o entrevistador estabelece uma relação de preparação entre as asserções que iniciam o turno e a pergunta, o que constitui um procedimento de hierarquização tanto das informações expressas nas diferentes etapas de construção do turno (a pergunta é

⁷ O vídeo pode ser acessado em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/08/25/lula-pt-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. A transcrição pode ser acessada em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/08/25/integra-jornal-nacional-entrevista-lula.htm>. Na revisão dessa transcrição, foram adotadas as seguintes convenções: segmento acentuado (MAIÚSCULA); entonação ascendente (/); entonação descendente (\); aumento do volume da fala (+segmento+); diminuição do volume da fala (°segmento°); segmento incompreensível (XX); segmento cuja transcrição é incerta ((segmento)); alongamento silábico (:); truncamento (Segmen-); pausas de duração variável (. ..); relação de alocação (LOC1 > LOC2) (>); tomadas de fala em recobrimento (sublinhado); comentário do transcritor relativos a deslocamentos corporais, condutas gestuais ou ações não-verbais (((comentário))) (Filliettaz, 2018, p. 49).

⁸ Para um estudo mais abrangente das funções das perguntas nessa mesma entrevista, cf. Cunha (2023).

principal em relação às asserções), quanto das posturas (K+, K-) assumidas sucessivamente pelo entrevistador (a postura K- é assumida na parte principal do turno, a pergunta). É o que revela o excerto (1)⁹.

(1) 6min.24seg. – 7min.1seg.

01 WB houve um momento em mais de um momento aliás o partido dos
02 trabalhadores eh chegou a dizer que o prejuízo acumulado
03 pela petrobras com o escândalo do petrolão tinha sido eh
04 reconhecido pela empresa e colocado no balanço da
05 petrobras por uma imposição da lava jato\ isso foi. dito
06 pelo partido dos trabalhadores\ hoje eh e escrito\ hoje o
07 partido reconhece então que efetivamente houve esse
08 prejuízo/
09 L deixa eu lhe falar uma coisa\ você não pode dizer que não
10 houve corrupção se as pessoas confessaram\ [...]

A pergunta (“hoje o partido reconhece então que efetivamente houve esse prejuízo/”, l. 6-8) é precedida por segmento em que o entrevistador, assumindo a postura K+, afirma que o PT disse, em outros momentos, que a Petrobras reconheceu o prejuízo acumulado pelo chamado “escândalo do petrolão”¹⁰ (l. 1-6). Em sua pergunta (uma questão polar) (Heritage, 2002; Clayman; Loeb, 2018), o entrevistador, tomando o prejuízo como um pressuposto (Levinson, 1983), quer saber do entrevistado se seu partido o reconhece “efetivamente”. Na pergunta, o entrevistador endossa uma postura K- não quanto ao prejuízo, de que ele tem certeza, mas quanto ao entendimento atual do partido em relação a ele.

Ao esperar a realização e finalização da pergunta para tomar a palavra, o entrevistado expressa sua interpretação da interação de que participa e do papel que nela assume (Heritage; Greatbatch, 1989). No segmento preparatório do entrevistador (as asserções), há dois momentos que constituem possíveis pontos de transição relevante (Sacks; Schegloff; Jefferson, 1974), dada a completude sintática e prosódica dos enunciados ([...] “lava jato\” (l. 5); [...] “partido dos trabalhadores\” (l. 6)). Nesses momentos, o entrevistado poderia tomar o turno para, por exemplo, contestar a veracidade das informações expressas e, conseqüentemente, questionar o endosso de uma postura K+ pelo entrevistador, o que, alterando a organização sequencial padrão de uma entrevista estruturada em perguntas e respostas (Heritage; Greatbatch, 1989; Clayman; Heritage, 2002), contribuiria para enquadrar a interação mais como uma disputa e menos como uma entrevista (Goffman, 1981, 2012[1974]). Porém, o entrevistado aguarda a pergunta, com a qual o entrevistador, endossando a postura K-, focaliza o território epistêmico do entrevistado.

Ao tomar o turno, o entrevistado responde à pergunta, fornecendo uma resposta afirmativa (l. 9-10), como costuma ocorrer em respostas a questões polares (Heritage, 2002; Clayman; Loeb, 2018), e não questiona ou contesta seus pressupostos.

⁹ Nos excertos, usamos estas abreviações para indicar os participantes: Luiz Inácio Lula da Silva = L; Renata Vasconcellos = RV; William Bonner = WB.

¹⁰ Criado pelo deputado federal Antônio Imbassahy (PSDB-BA), líder da oposição aos governos de Lula e Dilma Rousseff, o termo “petrolão”, amplamente usado por parte da imprensa hegemônica, como Rede Globo, Veja e Época, buscou associar apenas ao PT, situado mais à esquerda no espectro político, um esquema de corrupção que envolvia empreiteiras, funcionários da Petrobras e políticos de diferentes partidos (<https://www.cartacapital.com.br/blogs/midiatico/o-que-o-termo-201cpetrolao201d-diz-sobre-a-imprensa-2782/>).

Agindo assim, o entrevistado demonstra aceitar a hierarquia estabelecida pelo entrevistador em seu turno (a pergunta e a postura K- nela assumida são principais em relação às asserções e à postura K+ nelas assumidas), avaliando esse turno como suficientemente adequado para o desenvolvimento da interação (Cunha, 2020; Brito, 2023).

Porém, esse comportamento do entrevistado não é o único tipo de reação que as perguntas dos entrevistadores motivam. Há um conjunto de sequências na entrevista em que o entrevistado na resposta tematiza informações mencionadas no segmento preparatório do turno do entrevistador, desconsiderando a pergunta ou relativizando sua importância e promovendo, desse modo, uma alteração no padrão sequencial da entrevista, que tipicamente se desenvolve em perguntas e respostas (Heritage; Greatbatch, 1989; Clayman; Heritage, 2002). Nesses casos, o segmento preparatório apresenta uma especificidade em relação ao segmento do excerto anteriormente analisado. Nele, o entrevistador estabelece uma relação de contra-argumento, sempre sinalizada por conector contra-argumentativo (*mas, só que*), em que a asserção (argumento) introduzida pelo conector se opõe à asserção (contra-argumento) que o antecede ou a alguma inferência dela derivada. Do ponto de vista argumentativo, essas asserções não estão simplesmente justapostas ou coordenadas, já que a asserção introduzida pelo conector tem maior força argumentativa (Ducrot et al., 1980; Roulet et al., 1985). Prova disso é que essa asserção funcionará como o pressuposto da pergunta feita em seguida. O excerto (2) constitui um exemplo das sequências em que o fenômeno ocorre.

(2) 33min.8seg. – 34min.53seg.

- 01 RV então candidato continuando vamos para o agronegócio\ no
 02 seu governo a política agrícola contribuiu muito pro
 03 crescimento do setor do agronegócio no brasil e foi também
 04 um período em que ah os preços internacionais das
 05 commodities os grãos em geral soja milho estavam bem
 06 altos\ o seu ministro da agricultura foi um grande
 07 produtor eh rural\ mas hoje grande parte do setor agro não
 08 o apoia\ o senhor atribui esse afastamento a desconfianças
 09 talvez geradas pelo relacionamento do seu partido com o
 10 mst/
 11 L não\ oh: renata tem tem o seguinte veja/ eu queria que
 12 você trouxesse aqui o mais reacionário representante do
 13 agronegócio e perguntasse pra ele o que que o bolsonaro
 14 fez pra ele que chegou perto daquilo que nós fizemos\ eu
 15 queria que cê chamasse\ sabe por quê/ porque não tem nenhum
 16 governo que tratou do agronegócio como nós tratamos\ eu
 17 vou dizer pra você\ nós fizemos uma medida provisória/
 18 quatrocentos e trinta e dois se não me falha a memória de
 19 2008 que fez uma negociação sabe/ com ah os: produtores
 20 rurais de +oitenta e cinco bilhões de reais se não eles
 21 tinham quebrado+\
 22 RV então a que o senhor atribui que grande parte do setor
 23 agro não o apoia/
 24 L eu vou dizer o que que eles contribuem eu vou dizer o que
 25 que eles contribuem a questão da nossa política em defesa
 26 sabe/ da amazônia\ a nossa política em defesa do pantanal\
 27 a nossa política em defesa da mata atlântica\ ou seja a
 28 nota luta contra o desmatamento faz com que eles sejam
 29 contra nós sabe/ é isso\ [...]

FLP 25(1)

No segmento que antecede a pergunta (“o senhor atribui esse afastamento a desconfianças talvez geradas pelo relacionamento do seu partido com o mst/”, l. 8-10), a entrevistadora menciona, em várias asserções, a política bem-sucedida dos governos anteriores do entrevistado no setor do agronegócio. Em seguida, estabelece uma relação de contra-argumento entre a informação introduzida pelo conector *mas* de que “hoje grande parte do setor agro não o apoia\” (l. 7-8) e o apoio que aquela política bem-sucedida poderia motivar. Com essa relação, ela dá destaque à falta de apoio e subordina a política bem-sucedida do entrevistado. Na pergunta (outra questão polar), a entrevistadora toma a falta de apoio do setor do agronegócio, falta de apoio categorizada como “esse afastamento”, como um dos pressupostos da pergunta (informação dada) e quer saber se a causa desse afastamento não seria o relacionamento do PT com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (informação nova).

Em sua resposta, o entrevistado, primeiro, responde à pergunta de forma negativa e bastante sucinta (“não\”, l. 11). Depois, sem tematizar o MST, retoma a política bem-sucedida de seus governos no setor do agronegócio, para compará-la à de um de seus adversários (l. 11-14). Ao agir dessa forma, o entrevistado, ainda que tenha esperado a pergunta para tomar o turno, contribuindo, assim, para a manutenção de uma organização sequencial baseada na alternância de perguntas e respostas, desconsidera os dois procedimentos usados pela entrevistadora para estabelecer uma relação hierárquica entre as informações articuladas pela relação de contra-argumento: (1) a própria relação e sua sinalização com o *mas*; (2) o uso da informação introduzida pelo *mas* como um dos pressupostos da pergunta.

Por isso, ao reformular a pergunta (“então a que o senhor atribui que grande parte do setor agro não o apoia/”, l. 22-23), a entrevistadora elabora uma pergunta aberta sobre a causa da falta de apoio do setor do agronegócio à candidatura do entrevistado. Nessa reformulação, a falta de apoio permanece como pressuposto. Ao reformular desse modo sua pergunta, a entrevistadora reafirma a hierarquia que propôs no segmento preparatório da pergunta: a política bem-sucedida do candidato para o setor não é mais mencionada (afinal, como foi referida na parte subordinada do turno, tem menor chance de ser retomada no decorrer da interação (Grobet, 2000)), e a falta de apoio permanece como pressuposto. Sem negar ou contestar esse pressuposto, o entrevistado em sua resposta atribui a falta de apoio à sua luta contra o desmatamento (“a questão da nossa política em defesa sabe/ da amazônia\ a nossa política em defesa do pantanal\ a nossa política em defesa da mata atlântica\ ou seja a nota luta contra o desmatamento faz com que eles sejam contra nós sabe/ é isso\”, l. 25-29).

O interesse desse exemplo está em mostrar, de um lado, que um entrevistador pode se valer das relações textuais para sinalizar os diferentes graus de importância que atribui às informações mobilizadas em seu turno e, assim, tentar restringir o desenvolvimento da sequência, em termos dos tópicos que espera que o entrevistado aborde. De outro lado, o entrevistado pode “jogar” com essa hierarquia, deixando-a restringir o tópico de sua resposta (cf. excerto (1)) ou tratando de informação apresentada pelo entrevistador como menos central, ainda que sem interrompê-lo, quando essa informação foi expressa na preparação à pergunta (cf. excerto (2)).

No excerto (3), a entrevistadora adota o mesmo procedimento de construção do turno da pergunta que adotou no excerto analisado anteriormente.

(3) 22min.23seg. - 23min.16seg.

01 RV então pronto\ é de política e de alianças que nós vamos
 02 falar agora\ o senhor tem dito que centrão se formou lá
 03 atrás na constituinte e que participou da base de todos
 04 os governos\ do de fernando henrique cardoso do seu de
 05 dilma de temer e agora de de jair bolsonaro\ só que o
 06 relacionamento de governos do pt com o congresso resultou
 07 em escândalos de corrupção como o mensalão por exemplo\
 08 como evitar que isso aconteça novamente/
 09 L você acha que o mensalão que tanto se falou.. é mais grave
 10 do que o orçamento secreto/
 11 RV vamos falar de orçamento secreto também
 12 L deixa eu lhe falar uma coisa/
 13 RV vamos falar de orçamento secreto também
 14 L deixa eu lhe falar uma coisa a vida política estabelecida
 15 em regime democrático é a convivência democrática na
 16 adversidade\ nenhum presidente da república em um regime
 17 presidencialista governa se não estabelecer relação com o
 18 congresso nacional\ [...]

Após um enunciado metadiscursivo em que anuncia o novo tópico (“então pronto\ é de política e de alianças que nós vamos falar agora\”, l. 1-2), a entrevistadora elabora inicialmente duas asserções entre cujas informações estabelece uma relação de contra-argumento, sinalizada pelo conector “só que”, hierarquizando essas informações. A informação introduzida pelo conector (“o relacionamento de governos do pt com o congresso resultou em escândalos de corrupção como o mensalão por exemplo\”, l. 5-7) é principal em relação à informação que o antecede. Na elaboração de ambas as asserções, a entrevistadora assume a postura K+. Entre essas asserções e a pergunta, feita logo em seguida (“como evitar que isso aconteça novamente/”, l. 8), a entrevistadora estabelece uma relação de preparação. Na pergunta, a informação introduzida por “só que” é retomada pelo pronome “isso” e atua como um pressuposto. Afinal, a postura K- assumida pela entrevistadora na pergunta se refere ao procedimento que o candidato pretende adotar para evitar “escândalos de corrupção como o mensalão” causados, segundo ela, pelo relacionamento entre PT e congresso e não aos próprios escândalos de corrupção (o pressuposto), dos quais ela tem certeza.

Diferentemente do exemplo anterior, neste o entrevistado, em sua reação, contesta a pertinência do pressuposto, ao comparar o mensalão com o orçamento secreto¹¹. O procedimento por ele adotado para fazer essa contestação é a elaboração

¹¹ O termo “mensalão” se refere a um esquema de corrupção em que uma quantia de dinheiro público é paga a um político como contrapartida ao voto favorável a determinado projeto do governo. Durante os governos de Lula, grande parte da imprensa hegemônica (Folha de S. Paulo, Veja, O Globo) associou o termo ao PT, ainda que partidos de várias legendas e diferentes espectros políticos estivessem envolvidos no esquema (Miguel; Coutinho, 2007). Já o termo “orçamento secreto” “surgiu com a criação de uma nova modalidade de emendas parlamentares. Emendas são recursos do Orçamento da União direcionados por deputados para suas bases políticas ou estados de origem. As verbas devem ser usadas para investimentos em saúde e educação. [...] Em 2019, o Congresso aprovou novas regras, que ampliaram o poder do relator. Ele passou a liberar valores do Orçamento a pedido de deputados e senadores. Nos sistemas do Congresso, não aparecem os nomes dos parlamentares que são beneficiados, somente o nome do relator. Daí a expressão orçamento secreto. [...] Em 2021 e 2022, o Planalto destinou bilhões de reais para essas emendas de relator — o que foi

de um enunciado interrogativo (“você acha que o mensalão que tanto se falou.. é mais grave do que o orçamento secreto/”, l. 9-10) que, dada a reação da entrevistadora (“vamos falar de orçamento secreto também”, l. 11), não é analisado por ela como um pedido de informação, mas como uma mudança não-pertinente do tópico. Vale lembrar que a noção de território ou domínio epistêmico abarca não só aquilo que alguém sabe, mas também os direitos e responsabilidades desse alguém na abordagem desses saberes, tendo em vista suas experiências pessoais e profissionais (Heritage, 2013; Drew, 2018). Portanto, embora a postura epistêmica codificada na reação do entrevistado seja K-, seu status epistêmico sobre a vida política brasileira, em relação ao da entrevistadora, é K+, dada sua trajetória e experiência políticas. Essa discrepância entre postura e status na reação do entrevistado explica o comportamento da entrevistadora, que, ocupada agora em restringir o tópico da sequência, não avalia a reação do entrevistado como um efetivo pedido de informação.

Após a jornalista repetir “vamos falar de orçamento secreto também\” (l. 13), indicando novamente que o tópico “orçamento secreto” não é pertinente e, assim, fazendo valer a prerrogativa de seu papel – entrevistadora – na definição dos tópicos abordados, o entrevistado adota procedimento semelhante ao adotado no exemplo anterior, mas de forma mais veemente. Enquanto no outro excerto ele respondeu à pergunta, aqui o entrevistado a ignora e aborda a relação entre o governo e o Congresso Nacional, informação que, mencionada pela entrevistadora no turno inicial, quando se referiu ao chamado “centrão”¹² (l. 2), entrou na relação de contrargumento como informação subordinada e, portanto, de menor importância.

Esse excerto evidencia bem que a definição do enquadre de uma interação (entrevista, aula, debate, briga, etc.) constitui não um fenômeno pré-estabelecido, mas um fenômeno emergente e negociado ao longo da própria interação, em função das ações sucessivas que os participantes realizam por meios verbais e não-verbais (Goffman, 1981, 2012[1974]). Na sequência em análise, o modo como a entrevistadora estrutura o primeiro turno e o modo como a sequência se desenvolve a partir daí, com os interactantes negociando (e contestando) de forma complexa territórios, posturas e status epistêmicos (ou seja, o que sabem e como devem e podem expressar esse saber), impactam o enquadre da interação, que se assemelha ora a uma entrevista, ora a uma discussão, como sinalizado, inclusive, pelas sobreposições de falas (Schegloff, 2007).

Esse excerto, mas também os dois primeiros aqui analisados evidenciam ainda a profunda interrelação entre a dimensão epistêmica (o modo como os conhecimentos são atribuídos na interação) e a dimensão dramatúrgica (o modo como as imagens identitárias são construídas na interação) (cf. Cunha, 2020; Cunha; Oliveira, 2020). Essa interrelação, que pode se dar de diferentes maneiras e cuja compreensão demanda estudos sistemáticos (cf. Heritage; Raymond, 2005; Raymond; Heritage, 2006), se manifesta, na entrevista analisada, de várias formas. Com base na análise desenvolvida

interpretado como uma forma de fazer barganha política com o Legislativo.” (<https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/10/12/o-que-e-o-orcamento-secreto.ghtml>).

¹² No Congresso Nacional, “O Centrão é composto por vários partidos políticos que não se identificam necessariamente nem com o governo nem com a oposição. Nas votações, os partidos que compõem o centro podem, ao menos em teoria, pender de um lado a outro, dependendo do que está sendo votado. Especialistas afirmam que eles são muito importantes justamente por terem um grande número de políticos, essenciais na hora de passar ou bloquear votações no Congresso Nacional.” (<https://www.em.com.br/app/noticia/politica/beaba-da-politica/2022/09/29/noticia-beaba-da-politica,1399460/o-que-e-o-centrao-e-qual-e-a-origem-desse-termo.shtml>).

até o momento, mencionaremos a seguir apenas aquelas em que os procedimentos estudados, as relações textuais, são centrais. Porém, tendo em vista a complexidade do tema, as observações a seguir constituem mais indicações para estudos futuros do que conclusões derivadas de nossas análises, cujo objeto central foi a dimensão epistêmica.

O modo como os entrevistadores hierarquizam as informações por meio de relações textuais pode ser avaliado pelo entrevistado como desfavorável à sua imagem de candidato. Nas análises, essa avaliação se manifesta, por exemplo, na ação do entrevistado de tematizar as informações da fala do entrevistador situadas à esquerda do conector contra-argumentativo, ou seja, as informações que foram subordinadas pelo entrevistador, o que corresponde a ignorar a hierarquia que a relação de contra-argumento impõe às informações articuladas (cf. excerto (2)).

A contestação pelo entrevistado do pressuposto de uma pergunta é nociva para a imagem do entrevistador. Como vimos no excerto (3), essa contestação implica questionar não só a pertinência da pergunta, mas, mais grave, o status K+ do entrevistador. Afinal, o pressuposto da pergunta é geralmente mencionado no segmento preparatório da pergunta, segmento em cuja elaboração o entrevistador assume a postura K+. Essa contestação pode ter como efeito reenquadrar a interação como uma discussão, já que implica uma disputa por territórios epistêmicos.

Ainda que a pergunta do entrevistador contenha um pressuposto desfavorável à imagem do entrevistado, pressuposto explicitado no segmento que prepara a pergunta, o entrevistado pode preferir respondê-la a questionar o pressuposto, já que, como vimos na análise do excerto (3), esse questionamento pode implicar o reenquadre da interação como uma disputa, reenquadre cujo impacto junto à ampla e complexa audiência da entrevista (o eleitorado) é incerto. É o que ocorreu no excerto (1), em que um pressuposto potencialmente negativo para a imagem do entrevistado (o reconhecimento do “prejuízo acumulado pela petrobras com o escândalo do petrolão”) não é por ele contestado em sua resposta.

A elaboração de enunciados interrogativos permite a um entrevistador endereçar ao entrevistado críticas e acusações, sem abandonar de modo evidente a exigência de neutralidade própria da esfera jornalística (Clayman, 1992; Heritage, 2002; Clayman; Heritage, 2002), abandono que, se realizado de forma ostensiva, é nocivo à sua imagem de jornalista. Como vimos na análise dos três excertos, as relações de preparação e de contra-argumento permitem ao entrevistador alcançar fim semelhante, mas talvez de forma mais sutil (e perversa). Isso porque a subordinação à pergunta de informações nocivas à imagem do entrevistado e a posterior utilização dessas informações como pressupostos da pergunta transformam essas informações em um dado (um fato) não submetido a contestações (Ducrot, 1987; Clayman; Heritage, 2009; Cunha, 2013). Assim, se o candidato questiona ou contesta essas informações, pode ter seu comportamento avaliado como não-pertinente, evasivo ou mesmo impolido (cf. excertos 2 e 3), mas, se não as contesta e responde à pergunta, é obrigado a permanecer com a imagem atacada (cf. excerto 1).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, procuramos trazer evidências de que as relações textuais (argumento, contra-argumento, preparação, reformulação, etc.) exercem papel importante na dimensão epistêmica da interação. Para isso, aproximamos as

contribuições teórico-metodológicas de duas abordagens interacionistas: os estudos sobre a dimensão epistêmica desenvolvidos no quadro da Análise da Conversa, e os estudos sobre as relações textuais e seus marcadores desenvolvidos no âmbito da Pragmática do discurso. O corpus estudado foi a entrevista concedida em 2022 pelo então candidato à presidência da república, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Nacional, da Rede Globo, no contexto da campanha eleitoral.

Em razão da abrangência do tema, focalizamos o papel das relações textuais de preparação e contra-argumento presentes nos turnos em que os entrevistadores fazem perguntas. Nesses turnos, as relações textuais de preparação e de contra-argumento são procedimentos com que os entrevistadores hierarquizam informações, bem como as posturas epistêmicas (K+, K-) materializadas no modo como essas informações são expressas. Com a relação de preparação, os entrevistadores precedem a pergunta, em que assumem a postura K-, de asserções em que assumem a postura K+. De modo geral, as informações expressas no segmento preparatório funcionam como pressupostos da pergunta. Já com a relação de contra-argumento, os entrevistadores hierarquizam duas asserções, uma benéfica e outra nociva à imagem do entrevistado, e expressam na asserção principal a informação nociva. Em seguida, fazem dessa informação o pressuposto da pergunta.

Em razão desses procedimentos, a estruturação do turno de pergunta por meio das relações textuais pode impactar o desenvolvimento da sequência pelo entrevistado, que pode aceitar ou contestar a hierarquia proposta, bem como a assunção, pelo entrevistador, de posturas epistêmicas. Quando aceita, o entrevistado responde à pergunta, sem questionar seus pressupostos. Quando contesta, ele questiona o pressuposto da pergunta ou tematiza informações favoráveis a ele que, no turno do entrevistador, foram apresentadas como subordinadas. Esses resultados evidenciam a complexidade da dimensão epistêmica da interação, cujo estudo implica não a mera identificação do que os interactantes expressam e do que supostamente sabem ou não sabem, mas a análise das disputas envolvidas na atribuição e contestação de conhecimentos, o que, como vimos, tem importantes (e ainda pouco explorados) reflexos na dimensão dramatúrgica da interação.

AGRADECIMENTOS

Uma versão preliminar deste texto foi discutida na sessão de trabalho do mês de março/2023 do GEPTED/UFMG (Grupo de Estudos sobre Pragmática, Texto e Discurso). Agradeço aos integrantes do grupo as sugestões e observações feitas na ocasião. Este trabalho se realizou no período de residência do autor no IEAT (Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares), da UFMG. Agradeço ao IEAT as condições favoráveis à sua realização. Agradeço ainda ao CNPq a concessão da bolsa de produtividade em pesquisa (processo no 304805/2022-0).

REFERÊNCIAS

Brito DM. O funcionamento das relações de discurso na dimensão dramatúrgica de entrevistas jornalísticas: uma abordagem interacionista [dissertação]. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2023.

- Clayman S. Footing in the achievement of neutrality: the case of news-interview discourse. In: Drew P, Heritage J, organizadores. *Talk at work: interaction in institutional settings*. Cambridge: Cambridge University Press; 1992. p. 163-198.
- Clayman S, Heritage J. *The news interview: journalists and public figures on the air*. Cambridge: Cambridge University Press; 2002.
- Clayman S, Heritage J. Question design as a comparative and historical window into president–press relations. In: Haakana M, Laakso M, Lindstrom J, organizadores. *Talk in interaction: comparative dimensions*. Helsinki: Finnish Literature Society (SKS); 2009. p. 299-315.
- Clayman S, Heritage J. Question design and press-state relations: the case of U.S. presidential news conferences. In: Porsche Y, Scholz R, Singh J, organizadores. *Institutionality: studies of discursive and material (re)ordering*. Basingstone: Palgrave Macmillan; 2022. p. 301-332.
- Clayman S, Loeb L. Polar questions, response preference, and the tasks of political positioning in journalism. *Research on Language and Social Interaction*. 2018;51(2):127-144.
- Clayman S, et al. The President's questioners: consequential attributes of the White House Press Corps. *The International Journal of Press/Politics*. 2012;17(1):100-121.
- Cunha GX. *A construção da narrativa em reportagens [tese]*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais; 2013.
- Cunha GX. Elementos para uma abordagem interacionista das relações de discurso. *Revista Linguística*. 2020;36:107-129.
- Cunha GX. Relações de discurso e completude monológica: o impacto da restrição ritual sobre o estabelecimento das relações interativas. *Forma y Función*. 2021;34:1-24.
- Cunha GX. A reformulação em uma perspectiva interacionista para o estudo das relações de discurso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 2022;64:1-18.
- Cunha GX. A pergunta no gênero entrevista com presidenciável: articulando gramática, texto e contexto. *Entrepalavras*. 2023;13(1):1-26.
- Cunha GX, Oliveira ALAM. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema. *Estudos da língua(gem)*. 2020;18:135-162.
- Drew P. Epistemics in social interaction. *Discourse studies*. 2018;20(1):163-187.
- Ducrot O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes; 1987.
- Ducrot O, et al. *Les mots du discours*. Paris: Minuit; 1980.
- Filliettaz L. *Interactions verbales et recherche em éducation: principes, méthodes et outils d'analyse*. Genebra: Université de Genève, Section des sciences de l'éducation; 2018.
- Filliettaz L. Le travail de structuration des activités éducatives. In: Filliettaz L, Zogmal M, organizadores. *Mobiliser et développer des compétences interactionnelles en situation de travail éducatif*. Toulouse: Octarès Éditions; 2020. p. 63-80.
- Fox BA. Evidentiality: authority, responsibility and entitlement in English conversation. *Journal of Linguistic Anthropology*. 2001;11(2):167-192.
- Fox BA, et al. *Conversation Analysis and Linguistics*. In: Sidnell J, Stivers T, organizadores. *The handbook of conversation analysis*. Oxford: Blackwell Publishing; 2013. p. 726-740.

- Goffman E. Footing. In: Goffman E. *Forms of talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press; 1981. p. 124-159.
- Goffman E. *Os quadros da experiência social*. Petrópolis: Vozes; 2012[1974].
- Grobet A. *L'identification des topiques dans les dialogues [tese]*. Genebra: Faculdade de Letras, Universidade de Genebra; 2000.
- Heritage J. *Garfinkel and Ethnomethodology*. Cambridge: Polity Press; 1984.
- Heritage J. Analyzing news interviews: aspects of the production of talk for an overhearing audience. In: Van Dijk TA, organizador. *Handbook of discourse analysis*. V. 3. Londres: Academic Press London; 1985. p. 95-117.
- Heritage J. The limits of questioning: negative interrogatives and hostile question content. *Journal of pragmatics*. 2002;34:1427-1446.
- Heritage J. Epistemics in action: action formation and territories of knowledge. *Research on language and social interaction*. 2012a;45(1):1-29.
- Heritage J. The epistemics engine: sequence organization and territories of knowledge. *Research on language and social interaction*. 2012b;45(1):30-52.
- Heritage J. Action formation and its epistemic (and other) backgrounds. *Discourse studies*. 2013;15(5):551-578.
- Heritage J. The ubiquity of epistemics: a rebuttal to the 'epistemics of epistemics' group. *Discourse studies*. 2018;20(1):14-56.
- Heritage J, Greatbatch D. On the institutional character of institutional talk: the case of news interviews. In: Baden D, Zimmerman DH, organizadores. *Talk and social structure*. Berkeley: University of California Press; 1989. p. 93-137.
- Heritage J, Raymond G. The terms of agreement: indexing epistemic authority and subordination in talk-in-interaction. *Social Psychology Quarterly*. 2005;68(1):15-38.
- Jubran CCAS, Koch IGV, editoras. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora Unicamp; 2006.
- Kamio A. *Territory of information*. Amsterdam: John Benjamins; 1997.
- Labov W, Fanshel D. *Therapeutic discourse*. New York: Academic Press; 1977.
- Levinson SC. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press; 1983.
- Marcuschi LA. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática; 1997.
- Miguel LF, Coutinho AA. A crise e suas fronteiras: oito meses de "mensalão" nos editoriais dos jornais. *Opinião Pública*. 2007;13(1):97-123.
- Moeschler J. Analyse du discours et analyse conversationnelle. In: Moeschler J, Reboul A, organizadores. *Dictionnaire encyclopédique de pragmatique*. Paris: Éditions du Seuil; 1994. p. 471-492.
- Neves MHM. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto; 2006.
- Ochs E, Schegloff EA, Thompson SA, editores. *Interaction and grammar*. Cambridge: Cambridge University Press; 1996.

- Pomerantz AM. Telling my side: 'Limited access' as a 'fishing' device. *Sociological inquiry*. 1980;50:186-198.
- Raymond G. Which epistemics? Whose conversation analysis? *Discourse studies*. 2018;20(1):57-89.
- Raymond G, Heritage J. The epistemics of social relations: owning grandchildren. *Language in society*. 2006;35:677-705.
- Roulet E. *La description de l'organisation du discours*. Paris: Didier; 1999.
- Roulet E. De la nécessité de distinguer des relations de discours sémantiques, textuelles et praxéologiques. In: Andersen HL, Nolke H, organizadores. *Macro-syntaxe et macro-sémantique*. Berne: Peter Lang; 2002. p. 141-165.
- Roulet E. The description of text relation markers in the Geneva model of discourse organization. In: Fischer K, organizadora. *Approaches to discourse particles*. Nova York: Elsevier; 2006. p. 115-131.
- Roulet E, Filliettaz L, Grobet A. *Un modèle et un instrument d'analyse de l'organisation du discours*. Berne: Peter Lang; 2001.
- Roulet E, et al. *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang; 1985.
- Sacks H, Schegloff E, Jefferson G. A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation. *Language*. 1974;50:696-735.
- Schegloff E. *Sequence organization in interaction: a primer in Conversation Analysis I*. Cambridge: Cambridge University Press; 2007.